

LUIZ SÍVERES  
Organizador

# DIÁLOGO

## Um princípio pedagógico



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



Cátedra UNESCO de Juventude,  
Educação e Sociedade



Brasília, DF  
Unesco, 2016

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, por quaisquer meios, sem autorização prévia, por escrito, da editora e do Programa Mestrado e Doutorado em Educação da UCB.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1999, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Coleção Juventude, Educação e Sociedade

Comitê Editorial

*Afonso Celso Tanus Galvão, Célio da Cunha, Cândido Alberto da Costa Gomes, Carlos Ângelo de Meneses Sousa, Geraldo Caliman (Coord.), Luiz Síveres, Wellington Ferreira de Jesus*

Conselho Editorial Consultivo

*Maria Teresa Prieto Quezada (México), Bernhard Fichtner (Alemanha), Maria Benites (Alemanha), Roberto da Silva (USP), Azucena Ochoa Cervantes (México), Pedro Reis (Portugal).*

Conselho Editorial da Liber Livro Editora Ltda.

*Bernardete A. Gatti, Iria Brzezinski, Maria Celia de Abreu, Osmar Favero, Pedro Demo, Rogério de Andrade Córdova, Sofia LercheVieira*

Capa: *Jheison Henrique*

Revisão: *Ofitex – Consultoria em Linguagem*

Diagramação: *Jheison Henrique*

Impressão e acabamento: *Cidade Gráfica e Editora Ltda.*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

Diálogo – Um princípio pedagógico / Luiz Síveres (Org.) / Brasília: Liber Livro, 2016.

192 p. ; 24 cm.

ISBN: 978-85-7963-149-8

Universidade Católica de Brasília. UNESCO. Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade.

1. Educação. 2. Diálogo. 3. Formação de professores. I. Síveres, Luiz. II. Título.

CDU: 37.02

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Educação: Diálogo 37.02

2. Diálogo: Educação 37.02

**Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade**

Universidade Católica de Brasília Campus I  
QS 07, lote 1, EPCT, Águas Claras 71906-700 –  
Taguatinga – DF / Fone: (61) 3356-9601  
catedraucb@gmail.com

**Liber Livro Editora Ltda.**

SHIN CA 07 Lote 14 Bloco N Loja 02  
Lago Norte – 71503-507 – Brasília-DF  
Fone: (61) 3965-9667 / Fax: (61) 3965-9668  
editora@liberlivro.com.br  
www.liberlivro.com.br

## Capítulo 3

### Diálogos: desafios e possibilidades para (re)pensar a prática docente

Luiz Síveres  
Elsa Helena Almeida Silva Balluz

#### Introdução

As grandes transformações ocorridas no final do século passado e início deste provocam intensa reflexão no campo acadêmico, causando uma profusão de pesquisas e trabalhos na tentativa de investigar e conhecer os fenômenos sociais e seus impactos no campo educativo. Um dos aspectos considerados de maior relevância percebido, é que, em escala mundial, e principalmente no Brasil, há um aumento significativo no acesso à educação, em dissonância com um vertiginoso abismo entre a formação profissional nos currículos universitários e a prática docente da escola contemporânea, além da já configurada desigualdade na distribuição de riquezas.

As situações que obstaculizam a educação básica sugerem toda sorte de

situações, ligadas diretamente à docência ou não, em circunstâncias delicadas, dada a rede de relações que se constituem no cotidiano escolar, no chão da sala de aula, entre professores e alunos. O universo em questão, permeado pela ação humana, carece de um olhar através de uma lente de aumento, oferecendo uma visão melhor sobre o interior da escola e, mais adiante, dos processos de ação-reflexão, dentro e fora dela.

Nessa busca, é impossível imergir nesse campo sem o rigor necessário a todo trabalho científico, baseado na escolha por um ponto de vista que direcione ou clarifique os estudos para a formulação de um ideal articulado com a realidade. Portanto, o conhecer para compreender deu-se pela opção em dialogar com os professores, em seu cotidiano, para extrair-lhes observações, não respostas, para compartilhar ideias, não ideologias, acerca dos desafios e possibilidades que se impõem aos educadores atuais.

A formação de ontem não dá conta dos desafios de hoje. É necessário repensar as ideias e ações, é preciso assumir uma formação contínua, progressiva, que alcance o amadurecimento pessoal e profissional, que conduza ao exercício do diálogo, da interação, à busca de sua própria autonomia, do compromisso e da responsabilidade pela transformação, pelo crescimento constante, legítimo papel da docência.

É nessa direção que o presente trabalho constitui-se como ferramenta para o despertar de uma nova prática docente, ao repensar seu cotidiano, e de forma dialógica, desenhar perspectivas de valorização pessoal e profissional de ser professor, para que possa agir, participar e transformar a realidade, desde o transcender do chão da sala de aula, ao derrubar os muros altos que separam a escola como corpo social, para que seus alunos também sejam capazes de compreender, dialeticamente, o mundo em que vivem e que desejam.

Na constituição dessas relações a pesquisa pretendeu focalizar o profissional docente no Ensino Fundamental, a fim de identificar a percepção dos protagonistas sobre a importância do diálogo, na forma de atuar e ser professor, refletindo sobre a tessitura de sua trajetória, e nessa perspectiva dialógica, considerar seu contexto de trabalho, para que possam ser autores dos projetos de mudança, necessários para o (re)conhecimento de sua identidade docente e, em consequência, contribuindo para uma nova dinâmica de construção do conhecimento.

A estratégia metodológica da pesquisa caracterizou-se por uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, que ao se constituir de material interpretativo, segundo Denzin e Lincoln (2006), coloca o observador no mundo, tornando-o visível, na perspectiva dos sujeitos envolvidos e suas significações. Para perceber este olhar foi realizada entrevista semiestruturada com sete professores com atuação em escolas da rede pública e privada da cidade de São Luís, capital do Estado do Maranhão, em caráter de sorteio.

Os respondentes foram identificados pela letra “P”, na sequência de 01 (um) a 07 (sete). A faixa etária compreendida foi de 28 a 42 anos, todos com graduação em nível superior, tendo em comum experiência entre 10 e 12 anos de profissão docente, sendo três professores do sexo masculino e quatro do sexo feminino, o que foi considerado como equilíbrio de gênero. Os dados coletados tiveram como base a análise de conteúdo (BARDIN, 2011), tendo como referência a opinião dos professores sobre os desafios e as possibilidades para exercitar o diálogo no cotidiano escolar.

A pesquisa buscou, portanto, oportunizar à percepção do professor atuante no ensino básico, a importância do diálogo, seus desafios e possibilidades, para a configuração de novos papéis a serem exercidos, no tempo e espaço contemporâneos, a partir de seus saberes e fazeres. De forma dialógica e reflexiva se pretende, também, contribuir para a ressignificação de uma prática pedagógica consciente e conscientizadora, a partir das interações que ocorrem entre o homem e o mundo.

## 1. O diálogo como mediação pedagógica

As condições estruturais da sociedade dependem das relações intersubjetivas entre os indivíduos e as instituições socioeducativas que visam à aprendizagem no seu cotidiano para o desenvolvimento do potencial humano. Neste contexto é reconhecida a interação entre professores e alunos como fenômeno que acontece por meio das trocas entre os sujeitos envolvidos, participantes ativos, construtores de sua própria concepção de ser e estar no mundo.

Ocorre que na sociedade contemporânea, midiaticizada pelo aparato

tecnológico emergente em velocidade surpreendente, o universo educativo impregnado pelo racionalismo instrumental que se alastra em todas as dimensões, clama por sentidos, não só pela visão dos alunos, dos educadores e dos pais, mas também pelos professores, na tentativa de encontrar cenários possíveis para os desafios impostos à educação nesse tempo presente, em que, mesmo que valorizada a criatividade, na ótica da competitividade e eficiência, já não responde satisfatoriamente aos processos de efetiva transformação no todo social, bem como no modo de se relacionar com o mundo.

Os profissionais docentes, ao refletir sobre sua responsabilidade diante de novas aprendizagens e significados, em que, segundo Bologna (2002, p. 12), “(...) o conhecimento aliado a tecnologias e humanidades, a qualidade da reflexão crítica sobre os valores humanos ganham espaços maiores”, são obrigados a repensar sua prática para a formação de gerações constituídas de princípios humanizantes, abertos aos relacionamentos, à inclusão e à diversidade, para que homens e mulheres sejam capazes de viver de modo sustentável e fraterno, por meio de currículos interativos, complexos e dinâmicos.

A escola, *lócus* privilegiado das interações humanas, de fala e escuta em seu cotidiano, propicia aproximação com o outro, e, a partir desse entendimento, assume pela experiência do diálogo, uma prática reflexiva e libertadora. À medida que aumentam a experiência e a sensibilidade, emerge na ambiência escolar um significado compartilhado, em que as pessoas não se opõem umas às outras, mas ao contrário, buscam restaurar vínculos e valores humanos, necessários para a aquisição de uma cultura de paz.

Paulo Freire (1921-1997), filósofo e educador brasileiro, defende a proposta que a docência deve ser antes de tudo uma postura humanizadora, pautada pela disponibilidade de estar aberto aos outros, à vida, ao desconhecido. O agir pedagógico se concretiza a partir da existência de relações entre seres humanos que, por meio da linguagem, buscam novos conhecimentos e refinam os que socialmente foram acumulados e considerados relevantes. A experiência fundante do ser inacabado, em uma relação ao mesmo tempo de inquietação e curiosidade, pela convivência dos sujeitos autores/atores, ocorre a partir de duas dimensões: a ação, para a transformação e não alienação, e a reflexão atrelada à conscientização crítica e não alienante.

O diálogo, proposto por Freire (1993), como prática educativa não é vertical, autoritário, imposto pelos professores aos alunos, mas, horizontal, respeitando a historicidade dos sujeitos envolvidos. A experiência histórica nutre a relação dialógica e dialética, fonte de intersubjetividade e de convivência que deve existir no cotidiano escolar. Dialógica porque os sujeitos falam e escutam em paridade e igualdade, por interesses comuns, e dialética, não pela sobreposição de teses, mas como espaço aberto para o debate reflexivo, de investigação conjunta e colaborativa, como práxis social que visa o desenvolvimento afetivo, cognitivo, intelectual e humano.

No universo educativo, o entendimento por parte do professor de sua finitude é ponto de partida para o estabelecimento da educação dialógica que funda a práxis crítica. Implica considerar, ainda, a experiência vivida e o contexto mais amplo que envolve os atores da ação pedagógica, dotados de passado histórico, e que, no presente, se abrem, de forma dialógica, às possibilidades do futuro.

O docente, como aponta Feldmann (2009), diante da instabilidade e provisoriidade do conhecimento, deve agir, de forma investigativa, para compreender as transformações atuais, a realidade sua e a de seus alunos, reconhecendo o saber e o sabor da experiência vivida, como um convite ao acolhimento sobre a existência do outro que se revela através do diálogo, em que cada pessoa tem o direito à livre expressão e, a partir desse exercício democrático, possa intervir de forma crítica e consciente na realidade.

A necessidade por uma educação humanizadora e o seu compromisso político, há muito são objeto de estudo e reflexão das ciências humanas e sociais. Vale ressaltar que a proposta da dialogicidade, à luz do pensamento freireano, exige que a docência assuma um posicionamento reflexivo e crítico, bem como uma inserção histórica, embora com a possibilidade de transcender o mundo em que se vive e se atua.

Na complementariedade à proposta freireana, cabe conhecer e reconhecer algumas ideias de Hans-Georg Gadamer (1900-2002) sobre as relações hermenêuticas e a educação, em que a aprendizagem se dá por meio do diálogo, cuja força é transformadora, em que a autoridade do professor é genuína. Assim, segundo o autor, que teve uma forte influência socrática, afirma que “(...) um diálogo fecundo é um diálogo no qual dar e receber e vice-versa conduzem, por

fim, a alguma coisa que é uma morada comum, com a qual se tem familiaridade e na qual é possível mover-se juntos” (GADAMER, 2002a, p. 110). Preocupa-se para que, na sociedade atual com o modo de pensar técnico-científico, o diálogo seja escasso, demonstrado pela falta de disponibilidade de abrir-se ao outro ou ainda pela aproximação artificial, fenômeno presente na era da informação capitaneada pelo aparato tecnológico. O que se vê, por um lado, é a globalização das economias e suas culturas, e, por outro, a falta de comunicação entre as partes que a formam. As inúmeras possibilidades e interconexões convivem com a ausência de uma linguagem comum.

Essa incapacidade para o diálogo, na forma subjetiva, segundo esse autor, solapa a busca pela verdade, e, portanto, confere a monologização do comportamento humano, em seu individualismo exacerbado, como experiência única de mundo, de quem, para o filósofo (2002b, p. 251) “(...) possui os ouvidos tão cheios de si mesmo, buscando seus interesses, que já não consegue ouvir os outros”. No campo educativo, o aprisionamento do professor como detentor da ciência funda a dificuldade para o estabelecimento do diálogo vivido e a não atenção para o sentido das palavras e da pergunta, instalando a obstaculização, contrária à participação dos sujeitos historicamente envolvidos.

Ainda em Gadamer (2002a), a incapacidade para o diálogo na forma objetiva, dada a ausência de uma linguagem comum, é provocada ao desaprendermos a falar e responder a alguém, em uma conversa ou situação social monologizada pelo desligamento social, pela não aceitação do outro ou isolamento pelo anonimato, por meio, metaforicamente, do uso de “óculos que já não nos permitem ver além deles” (2002b, p. 252).

Dialogar não é a busca pela uniformização do pensamento, mas o compartilhamento de ideias, portanto, ação multilateral, não sem ausência de discordância, mas pautado em estruturas democráticas, para buscar significado por meio das experiências vividas. Nesse sentido, Dalbosco (2007) afirma que a filosofia gadameriana transpõe, com o mesmo grau de importância, a possibilidade do exercício dialógico para a pedagogia. A educação, enquanto experiência hermenêutica, é um processo de criação de novas maneiras de compreender, agir e dialogar. A escola, por sua vez, emerge nesse contexto como uma das instituições sociais que mais precisa vivenciar o diálogo, sobretudo entre



os atores envolvidos e no processo de ensino e aprendizagem.

No entanto, essa compreensão, para Lawn (2010), está sempre posta em jogo, diante da abertura a novas relações de sentido, entre presente e passado, que se estabelecem em constante tensão entre familiaridade e estranheza, mas, como ruptura com o habitual, para ouvir o passado e saber o que dele pode ecoar no presente, na construção do que Gadamer (2002b) chamou de consciência histórica efetiva.

Para Hermann, o que a filosofia gadameriana propõe é um pertencimento à comunidade histórica, não por adestramento ou acomodação, mas pelo diálogo pedagógico, a existência de um *ethos* por meio de “uma racionalidade responsável que surge das convicções e decisões comuns” (2002, p. 98). Fica clara, portanto, a dimensão ética da práxis hermenêutica e da intencionalidade da educação pela busca do bem.

Portanto, em consonância com Gadamer (2002b, p. 245), a “capacidade do diálogo é atributo natural do homem”, o que por consequência, revela a sua marca transformadora, que coloca a opinião do outro em alguma relação com o conjunto das opiniões próprias, e que ocorre a partir da abertura sensível ao outro, na exposição de visões de mundo e sociedade entre diferentes, sob o risco da disponibilidade para ouvir, sentir e tocar, perguntar e responder, atos compreendidos como pilares da prática pedagógica ética e humanizante.

Refletir sobre a docência no âmbito escolar, seus desafios e possibilidades, suas representações e situações de trabalho junto aos atores, constitui-se exercício que atinge o tempo, o ritmo e a rotina escolar, cenário propício, por excelência, de múltiplas interações para a construção do conhecimento significativo e efetiva formação cidadã, reais expectativas que envolvem a educação.

Nessa perspectiva, a mediação pedagógica deve valorizar a prática dialógica em reconhecimento à presença de múltiplas interpretações da realidade, e da consequente ação e experiência, próprias da historicidade dos seres humanos e, nesse caso, professores e alunos, partícipes de um projeto de educação que prima pelo processo de desenvolvimento, aprendizagem e evolução, características inerentes à escola que transforma em reação à falta de autonomia que se globaliza.

Os autores elencados, que elevam a relação dialógica a princípio pedagógico natural, coadunam com as ideias de Paulo Freire, que entende como horizontal

a relação pedagógica, reconhecendo o papel e a importância de cada ator social envolvido no contexto educativo escolar, sem que, para isso, precisem sobrepor-se uns aos outros, mas, em contraposição radicalmente democrática, caminhem lado a lado em busca de interesses comuns para a construção de uma escola humanitária.

Por outro lado, as categorias da hermenêutica do diálogo, segundo Gadamer, servem como pano de fundo para entender a incapacidade para o diálogo, exacerbada em tempos atuais, e a possibilidade vigorosa da educação como capaz de promover a sua reabilitação, ao partir das próprias experiências dos sujeitos históricos envolvidos, reacendendo a ética da solidariedade, inaugurada pela alteridade e pela abertura ao acolhimento e ao respeito mútuo. Portanto, os olhares destes teóricos é que podem contribuir para a compreensão dos desafios e possibilidades do diálogo na prática docente.

## 2. O diálogo na prática docente

Na prática docente podem ser observados os desafios e possibilidades para o diálogo, em particular na sala de aula, espaço no qual diversos processos interativos constituem as situações escolares cotidianas com os alunos, *lôcus* produtivo de conhecimentos e relações entre sujeitos partícipes da ação vivida.

A pesquisa realizada com sete professores, por meio de entrevista semiestruturada, possibilitou a manifestação de cada docente, bem como a compreensão do conjunto de expressões facilitou o entendimento dos desafios e perspectivas do cotidiano escolar, principalmente naquilo que se relaciona à sua prática docente.

A respeito da questão que trata dos desafios e possibilidades para exercitar o diálogo, o P1 assim se explicitou: *O maior desafio é trabalhar com pessoas e nem todos estão abertos a resolver problemas (...) é alcançar essas pessoas pela necessidade do diálogo.* Esta proposição está próxima daquilo que o P2 também expressou: *Ainda existe uma certa distância entre aluno e professor, e é necessário que o professor se aproxime dos alunos de maneira educada e que eles possam ter confiança no professor (...).*

Nesta mesma questão é oportuno ter presente a disposição do P7, que afirmou: *somos fruto do nosso tempo e espaço, (...) o diálogo ainda é considerado uma grande barreira, muitos acreditam que ao estudante cabe estudar, ao professor cabe ensinar.*

Ao observar tais elementos, percebe-se que os respondentes colocam como dificuldade para o exercício do diálogo a própria prática, entendendo que não é exterior a si, como dificuldade do outro, mas seu próprio desafio para o enfrentamento de situações tão necessárias e, por que não dizer, urgentes, como a proximidade educativa entre os protagonistas do processo educacional. No entanto, esse distanciamento se reflete na própria ausência de diálogo para o professor, como sujeito histórico, considerando que os saberes docentes são construídos a partir de sua compreensão do ato educativo, de sua formação humana, da trajetória de suas experiências concretas no cotidiano.

Nesse mesmo direcionamento, o P3 afirmou que *o maior desafio é justamente a falta de prática do diálogo (...) em que grande parte dos profissionais, acostumados a exercer aquilo que já vem pronto, vão perdendo a questão do dialogar, do pensar, e o novo causa muito medo.* Em decorrência, na opinião do P6, *a falta de tempo para sentar, conversar, e a falta de diálogo gera a indiferença, (...) a imparcialidade.*

Conforme entende Bologna (2002, p. 9), muitos se dão conta que “é imprescindível agir no presente para melhorar o futuro, onde não cabe mais a prevalência dicotômica entre pensamento e sentimento, pois estes reclamam unidade, em benefício da diversidade”. A necessidade de sentar e conversar, expressa no relato acima, traz subjacente o princípio da alteridade e estabelece a ampliação da consciência para a compreensão da responsabilidade de assumir um compromisso com a renovação, criando condições para o reconhecimento de todos, uns aos outros, como parte da humanidade, no propósito de substituir a indiferença pelo respeito e solidariedade.

Tal afirmativa revela-se nas respostas dadas ao questionamento sobre as possibilidades de se desenvolver a prática dialógica no cotidiano escolar, constituindo-se a sala de aula, como a escola em si, um espaço privilegiado de forma a transformá-la em espaço e tempo de formulação de saberes. A saber, o que disse P7 sobre o tema: *Primeiramente, deve-se reconstruir paradigmas educacionais e nossa visão de mundo e de educação. Não somos peças separadas do processo de ensino-aprendizagem.*

O discurso pedagógico atual não preconiza o ensino com vistas à mera memorização, embora vigorem práticas e modelos curriculares que reforçam a dicotomia teoria e prática, saberes e fazeres, decisão e ação, entre outras, e que carregam em si, implicitamente, incutido de carga ideológica, um modelo de formação que considera o professor apenas como transmissor de conhecimentos.

No entanto, formas de aprender diferenciadas e experiências plurais, tanto dos alunos, quanto dos professores, reclamam por uma revisão na própria concepção de educação, na visão de homem e de mundo, no intuito de abrir-se ao novo ou a pontos de vista diferentes. Nessa perspectiva, percebe-se na afirmação do P5, a possibilidade de *uma maior abertura, uma maior aceitação, porta sempre aberta a mudança porque sem essa abertura não tem o diálogo*. Assim coloca P3, em relação ao *incentivo também de atividades que façam com que as pessoas sejam tentadas e sejam motivadas a expressar suas opiniões*.

Freire (2009) alerta que ensinar exige apreensão da realidade, requer atenção à responsabilidade docente ao colaborar positivamente para que o educando seja artífice de sua formação, sendo testemunha de seu crescimento. Na experiência do docente P4 surge essa preocupação, como possibilidade dialógica, ao colocar que *é importante que a gente conheça o dia a dia dos alunos, como que ele desenvolve o conhecimento que é dado em sala de aula, (...) fora da sala de aula*.

Nesse sentido, acredita-se que a atitude dialógica seja o caminho para a aquisição de uma postura reflexiva e crítica sobre a realidade, e é essa reflexão que fomenta uma formação docente para o *pensar certo*, de e para quem se propõe como educador, uma ação e reflexão por meio do diálogo para constatar, conhecer e transformar.

Portanto, com base na literatura e no depoimento dos professores, é possível sugerir, inicialmente, que pela disponibilidade ao diálogo, fundante de novos caminhos, pelo compromisso com o desenvolvimento da sensibilidade social e com a eficiência pedagógica, contextualizadas como experiências de aprendizagem multirreferenciais, pode-se repensar a prática docente no espaço escolar.

Outra sugestão é de que é preciso melhorar a comunicação entre professores e alunos, a fim de diminuir a distância ou vazio geracional. É preciso, portanto, conhecer o contexto e entender o momento histórico, e não procurar agrupar indivíduos de épocas diferentes, diante das mudanças culturais e sociais

particulares a cada geração, se o desejo continua sendo uma relação dialogal.

Assim, poder-se-ia sugerir que a superação dos desafios é assegurar a formação de professores a partir do seu contexto de trabalho por meio da prática docente. O tipo de formação inicial que os professores costumam receber não oferece preparo suficiente para desenvolver, implantar e avaliar processos de mudança, já que uma nova geração está chegando às escolas e exigirá mais ainda uma educação atraente, envolvente, desafiadora, digital.

Tendo como referência estas sugestões, é possível descortinar a função social da escola, considerando o papel político-pedagógico da profissão docente, descartando sua neutralidade, mas, por outro lado, considerando sua própria formação e inferências na constituição da vida em sociedade. Acontece que, ao longo da história da educação, na escola brasileira, encastelada em seus muros, não se proporcionou uma renovação de fato e de direito, justamente por não ter em seu interior a prática do diálogo, dificultando as possibilidades de se abrir ao mundo, e nessa abertura, desconstruir mitos e dogmas tão próprios à educação.

Enfim, criar os nexos significativos entre teoria e realidade cotidiana proporciona resultados significativos, mas exigem rigorosidade, criatividade e formação contínua. Esta ação resulta de uma leitura de mundo mais profunda; portanto, o professor não é expectador da realidade, mas parte dela, e precisa inteirar-se disso, corporificando-se da postura dialógica, para penetrar na realidade, sem perder de vista que as realidades se interpenetram o tempo todo.

## Conclusão

O trabalho fundou-se no objetivo central de identificar os desafios e possibilidades que os diálogos no cotidiano escolar proporcionam para o repensar do exercício da docência, e, em decorrência, averiguar o grau de importância do diálogo na prática pedagógica, assim como investigar, nesta instituição de mão dupla que é a escola, a função do diálogo como processo indispensável à prática pedagógica em toda e qualquer sociedade que se intitula democrática.

Este estudo realizou-se, porém, em um momento em que a escola recebe e sofre com todo tipo de crítica, principalmente na atuação do professor, sendo

discutida inclusive sua morosidade para acompanhar os novos tempos e as novas gerações, como se os docentes estivessem congelados em um tempo diferente e que toda a sociedade, externa à escola, caminhasse a passos largos pelo desenvolvimento.

Aceita a provocação de que os professores não acompanham o andar da carruagem, partiu-se para conhecer, dentro da escola, e não fora dela, quais as percepções sobre as questões acima elencadas, e de que forma, historicamente, o professor traz consigo ranços ou resquícios de uma formação também fragmentada, prejudicando seu desenvolvimento profissional.

Esta atitude de melhorar a comunicação e pautar o exercício da docência numa relação dialógica permite pensar, com discernimento, sobre as manifestações e relatos dos próprios docentes referentes à importância do respeito às diferenças, aos diferentes modos de pensar, de apresentar o conhecimento, e nela surgirem os questionamentos, de forma livre, mas sempre respeitosa, como princípio de uma relação dialógica.

Enfim, é preciso recuperar os sujeitos centrais, a partir do diálogo e, a partir desta prática dialógica, fazer renascer para um projeto educativo de valores e princípios dignificantes e, sobretudo, humanizadores, desconstruindo uma única escola possível, modelo atual e recorrente, para a construção de uma escola sonhada no coletivo e que tenha o diálogo como um princípio educativo.

## Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BOLOGNA, J. E. Prefácio. In: DE MASI, D.; BETTO, F. **Diálogos criativos**. Mediação e comentários: José Ernesto Bologna. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

DALBOSCO, C. A. **Pedagogia filosófica**: cercanias de um diálogo. São Paulo: Paulinas, 2007.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y (Org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 15-41.

FELDMANN, M. G. Formação de professores e cotidiano escolar. In: FELDMANN, M. G. (Org.). **Formação de professores e escola na contemporaneidade**. São Paulo: Editora Senac, 2009, p. 71-80.

FREIRE, P. **Professora sim tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1993.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 42. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002a.

\_\_\_\_\_. **Verdade e Método II**. Complementos e índice. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002b.

HERMANN, N. **Hermenêutica e educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LAWN, C. **Compreender Gadamer**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.